

RESISTENTES CÁ, JORNALISTAS LÁ:
A TRAJECTÓRIA DOS ANTISALAZARISTAS NO
BRASIL E AS SUAS LIGAÇÕES COM A
IMPrensa LOCAL

RESISTANT HERE, JOURNALISTS OVER THERE:
THE TRAJECTORY OF ANTISALAZARISTS IN BRAZIL AND
THEIR LINKS WITH THE LOCAL PRESS

Heloisa Paulo

Investigadora integrada do Centro de
Estudos Interdisciplinares do Século
XX, da Universidade de Coimbra.

Resumo: Entre 1940 e 1964, o Brasil acolheu inúmeros opositores exilados da ditadura portuguesa. Possuindo as mais diferenciadas formações, muitos deles optaram por escrever crônicas como forma de sobreviverem em terras brasileiras. Os vínculos criados no meio jornalístico valeram-lhes o apoio de colegas de redação e de directores de jornais, como Macedo Soares e Samuel Wainer. A partir de jornais publicados no então distrito federal, Rio de Janeiro, pretendemos destacar quais as razões ideológicas e políticas que unem os dois setores, exemplificadas nos momentos da maior luta dos oposicionistas do término da Segunda Guerra às tentativas de revolta armada em 1961.

Palavras-chave: exílio, imprensa, salazarismo, Brasil.

Abstract: Between 1940 and 1964, Brazil welcomed

numerous opponents exiled from the Portuguese dictatorship. Having the most different backgrounds, many of them chose to write chronicles as a way to survive in Brazilian lands. The bonds created in the journalistic medium earned them the support of fellow editors and newspaper directors, such as Macedo Soares and Samuel Wainer. From newspapers published in the then federal district, Rio de Janeiro, we intend to highlight the ideological and political reasons that unite the two sectors, exemplified in the moments of the greatest struggle of the oppositionists at the end of the Second War with the attempts of armed revolt in 1961.

Keywords: exile, press, salazarism, Brazil.

1. Exilados e “jornalistas”: sobrevivência,

continuidade e resistência no exílio

A odiosa forma ditatorial de denegrir os adversários e tentar semear entre eles a desconfiança e a insana, descambou para o cômico ao dizer o chefe de Polícia que os da Resistência não deviam acreditar nesses jornalistas brasileiros, que vinham combatendo o salazarismo, pois quase todos eles já emudeceram a golpes de caixas de vinhos portugueses. [...] Quanto a mim, as minhas caixas se extraviaram. [...] Mas se a polícia portuguesa deseja que eu seja mais assíduo no comentário das coisas portuguesas, seja mais assídua nas perseguições a homens, livros e jornais. E sobretudo mandem vinhos. Prometo escrever contra o salazarismo, um artigo por garrafa. E não se esqueçam: tinto maduro (Osório Borba),

O exilado e o emigrante econômico possuem como ponto comum a necessidade de sobreviver em solo estrangeiro¹. No entanto, eles possuem graus diferenciados de formação que lhes permite níveis de integração também diferenciados. Para já, o exilado possui a sua vida em risco no país de origem, sendo forçado a abandoná-lo frente às ameaças do regime vigente. Sendo assim, ele guarda uma identidade própria que o diferencia do emigrante econômico, uma identidade política baseada no papel que desempenhou no país de origem (ARNAL, 2016, p.288).

Enquanto, em geral, o emigrante comum não possui nenhuma especialização acadêmica, na sua maioria os exilados trazem uma bagagem cultural bastante sólida para o exílio. São médicos, juristas, artistas, escritores, enfim, pessoas que, pela sua importância como porta-vozes de determinados setores descontentes da sociedade conseguiram *chamar a atenção* contra o regime ditatorial vigente nos seus países de origem. Essa caracterização coloca-os noutra patamar quando procuram formas de sobreviver nos países de acolhimento. Para além disso, os seus valores políticos e ideológicos contribuem para congregar a simpatia daqueles que, nesses novos locais de residência, pugnam pelas mesmas causas.

1 O termo exilado refere-se aquele que é forçado a abandonar o país de origem. No entanto, podemos afirmar que, em sua maioria, o exilado guarda uma identidade própria que o diferencia do emigrante econômico baseada no papel político que desempenhou no país de origem (ARNAL, 2016, p. 288).

No caso dos exilados portugueses, podemos distinguir duas levas de exilados: uma nos anos 40, da qual fazem parte nomes como Jaime Cortesão, Jaime de Moraes, um militar que se levanta contra a ditadura militar de 1926, um ano após a sua instalação; Novais Teixeira, jornalista, e tantos outros, todos possuem uma trajetória semelhante, tendo passado pela Guerra Civil de Espanha e pela França, a outra leva é composta por jovens estudantes e oficiais que retomam o combate aberto contra o salazarismo nos anos 60 e que recorrem aos meios de comunicação de forma mais explícita na busca de apoio na sua luta contra o regime. De fato, poderíamos distinguir também dois contextos específicos que marcam esses anos. No primeiro caso, a ditadura varguista e a lenta abertura a partir da entrada do Brasil na Segunda Guerra. No segundo caso, o período mais democrático do Estado brasileiro, o que antecede o advento da ditadura militar em 1964.

2. Quem são, o que dizem e quais os laços dos que chegam nos anos 40

Malgrado a experiência literária de Jaime Cortesão, que só publica como “historiador” na imprensa brasileira, é Jaime de Moraes que estreia como cronista no *Diário Carioca*. Este periódico havia sido fundado por José Eduardo Macedo Soares, uma figura contraditória em termos políticos, anticomunista

que apoia inicialmente o Estado Novo de Vargas, mas um liberal que defendeu a Constituição de 1934 e se afasta do regime a partir de 1941 (VV.AA.,2003). Em 1941, ano que Jaime de Morais passa a colaborar com o periódico, Macedo Soares está afastado da redação, mas mantém a coordenação política do órgão. O vínculo entre ambos possui uma determinada afinidade política, mas é sobretudo fruto da intermediação de José Augusto Prestes, Presidente do Grémio Republicano Português, junto do fundador do *Diário Carioca*, cujo genro é o diplomata José Roberto Macedo Soares, irmão de José Eduardo.

Paralelamente ao convite do *Diário Carioca*, Jaime de Morais é chamado a participar num outro periódico, *Correio da Manhã*. Fundado em 1911, por Edmundo Bettencourt, este jornal possui uma longa tradição de defesa dos ideais democráticos, tendo sido o primeiro a denunciar o golpe que implantaria o Estado Novo no Brasil. No entanto, durante a ditadura, o periódico consegue manter a regularidade da sua circulação, graças à capacidade dos seus articulistas de “escamotear” os artigos de cunho político fazendo-os passar pela censura do regime, sobretudo após 1941 (AA.VV. 2001).

Ao todo, Jaime de Morais escreve 152 artigos, entre 18 de Novembro de 1941 e 14 de Agosto de 1944. Os seus primeiros artigos falam da sua experiência como antigo Governador de Angola ou da Índia Portuguesa. No entanto, à medida que os próprios jornais

modificam a sua relação com a censura, as suas crônicas colocam o combate ao salazarismo na ordem do dia. Da experiência da Guerra Civil às denúncias das agruras cometidas contra os opositores em Portugal, Jaime de Morais aproveita o seu espaço de escrita para fazer ouvir a voz dos opositores e angariar simpatias para a sua causa.

Mas Jaime de Morais não atua sozinho. Neste período escrevem para jornais do Rio de Janeiro outros emigrados e exilados políticos, como Lúcio Pinheiro dos Santos, um antigo professor de Filosofia da Universidade do Porto, Tomás Ribeiro Colaço e Novais Teixeira, ambos jornalistas. O primeiro inicia as suas crônicas ainda em Agosto de 1941, tendo publicado cerca de 123 artigos até Fevereiro de 1945, a sua maioria no *Diário Carioca*. Como Jaime de Morais, as suas intervenções iniciais estão ligadas à sua experiência profissional, com títulos como “O Drama do Pensamento Europeu. Mas, a partir de 1942, a sua participação no jornal é cada vez mais combativa, abordando questões relacionadas com o conflito internacional, como em “A Conferência de Quebec”, publicado no dia 9 de novembro deste mesmo ano. No termo da guerra, quando Jaime de Morais já se encontra afastado dos meios jornalísticos, os textos de Lúcio Pinheiro dos Santos, agora publicando também no periódico *O Jornal*, são cada vez mais comprometidos com a oposição exilada, conclamando o apoio da intelectualidade brasileira no combate ao salazarismo.

Já no *Correio da Manhã*, Tomás Ribeiro Colaço inicia as suas crónicas com evocações do “passado português”, sem tocar na questão que o levou à emigração política, (Oração a Nuno Álvares). No entanto, graças à sua intervenção favorável ao posicionamento do Brasil ao lado dos Aliados na Segunda Guerra, a sua escrita encontra um novo rumo que passa a colidir diretamente com os interesses da colônia salazarista e com o governo de Lisboa.

Um início bem mais radical é notado nos artigos de Novais Teixeira publicados no *Diário Carioca*. Apesar das dificuldades na obtenção da licença para exercer a profissão de jornalista, a sua atuação é bem mais contundente em termos do discurso antissalazarista. Escrevendo num período de maior “brandura” da censura, a partir de Setembro de 1942, Novais Teixeira publica uma série de artigos, onde o ataque ao salazarismo e a Salazar é feito de forma direta e personalizada. Para além disto, tal como Ribeiro Colaço, o seu passado intelectual permite-lhe transitar pela intelectualidade à esquerda do regime Vargas, o que favorece a publicação de livros e a sua projeção como opositorista.

Paralelamente, e à medida que o Brasil caminha para o fim da ditadura varguista, as figuras da oposição ganham destaque nos jornais através de entrevistas e participação em atos públicos. Em 1943, o já consagrado historiador Jaime Cortesão é chamado para *batizar* o avião Alexandre de Gusmão e os jor-

nais destacam o seu discurso pleno de evocações à liberdade e à democratização². No ano seguinte, ele é condecorado pelo governo brasileiro com a Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta condecoração dada a um estrangeiro naquele país³. Neste mesmo ano, Jaime de Morais é entrevistado pelo mesmo jornal e saudado como “um dos mais ilustres democratas portugueses domiciliados no Brasil”(Legislação especial para os portugueses. *Diário Carioca*). O motivo da entrevista, a propalada igualdade de direitos a ser concedida pelo governo brasileiro aos portugueses residentes no país, leva também ao depoimento de outros nomes da oposição. Francisco Dores Gonçalves⁴ e Joaquim Novais Teixeira confirmam o apego do emigrante e do exilado ao país de acolhimento, afirmando o “amor à terra” brasileira e o agradecimento pelo acolhimento recebido⁵. No ano seguinte, já com a guerra no seu término e o fim do Estado Novo brasileiro bem próximo, é a vez de Lúcio Pinheiro dos Santos expor em entrevistas as razões pelas quais o “fascismo não poderá sobreviver em Portugal”⁶.

Em contrapartida, as acusações feitas pela oposição ao regime de Salazar e a ligação deste aos nazi-fascistas ganham uma maior dimensão no clima

2 “Afundou o olhar nos séculos vindouros e pressentiu o destino de sua Pátria” (*Diário da Noite*, p. 8, 18 de nov. 1943).

3 A notícia é divulgada em diversos periódicos, entre eles (*Correio da Manhã*, p. 2, 26 nov. de 1944).

4 *Diário Carioca*, p. 3, 16 de abril de 1944.

5 Citação de Novais Teixeira no *Diário Carioca*, p. 3, 12 de abril de 1944.

6 *Diário Carioca*, p. 2, 24 de fev. 1945.

de suspeição vivenciado no Brasil de então. O jornal *Diário Carioca* inclui na sua série “A História da Espionagem Nazista no Brasil”, uma grande matéria a respeito de um jornalista português espião do regime de Hitler no Brasil. Manuel de Almeida e Marques, *membro da Legião Portuguesa*, teria sido descoberto ao ser interceptada uma carta cifrada a ser enviada para Portugal, afirmando a existência de um plano para contatos de rádio difusão com a Europa. Apesar deste conteúdo dúbio e graças à ação do Serviço Secreto Britânico, a Polícia de Ordem Política e Social brasileira apreendeu um rádio transmissor na casa do jornalista, o que deu corpo à denúncia. Atuando como representante dos periódicos portugueses *A Voz*, *Diário de Coimbra* e *O Estoril*, o agente do Eixo acaba por ser preso e afirmar que a sua verdadeira missão era “vigiar os exilados políticos portugueses”⁷. A reportagem enfatiza a inabilidade do “espião” em manipular o rádio e passar as suas mensagens e, longe de acentuar a ação de vigilância do regime de Salazar em relação aos seus opositores no exílio, trata de garantir a imagem do “espião fascista” que, “se tivesse certo preparo na arte da espionagem, poderia ter feito um trabalho diabólico visando a segurança

7 A História da espionagem nazista no Brasil. *Diário Carioca*, p.1, 12 de nov. 1944. Segundo Caderno

do Brasil e dos nossos aliados”⁸. A oposição obtivera um ponto contra o salazarismo⁹.

De fato, a relação dos articulistas portugueses com o meio jornalístico tem como principal consequência a solidariedade de brasileiros para com a luta dos opositoristas. A propaganda *oficiosa* do salazarismo é alvo de inúmeras críticas por parte dos jornalistas democratas, apoiantes do combate promovido pelos exilados contra o regime de Lisboa. O espaço dado à oposição portuguesa nos periódicos brasileiros é gradativamente ampliado e os antissalazaristas conseguem alguns trunfos quando o periódico *Diretrizes* apresenta um retrato negativo do novo embaixador de Portugal, Pedro Teotónio Pereira¹⁰. Na edição do dia 31, onde é publicada uma fotografia na qual o diplomata aparece fardado ao lado de Salazar, o novo representante de Lisboa é apresentado como “o Rodolf Hess Português”¹¹. Uma reportagem semelhante é veiculada pelo *Tribuna Popular*, onde o representante de Portugal é descrito como um “Farrapo” do

8 *Diário Carioca*, p. 1, 12 de nov. 1944.

9 O nome de Manuel de Almeida e Marques não aparece referenciado em nenhum Arquivo, mas no *Diário Oficial da União* há a menção da concessão da licença de jornalista dada pelo DIP (*Diário Oficial da União*, Seção I, p. 2883, 26 de fevereiro de 1942).

10 O jornal *Diretrizes* é fundado no final dos anos trinta, tendo entre os seus colaboradores, nos anos quarenta, o poeta Vinícius de Moraes.

11 Quem é o novo embaixador de Salazar, considerado o Rodolf Hess português. *Diretrizes*. Rio de Janeiro, p. 2, 31 out. de 1945. Apesar da estranheza na grafia, foi respeitado o documento original.

salazarismo, em artigo não assinado datado de 26 de outubro de 1945.

Nos anos seguintes, novos jornais e articulistas aparecem e a oposição portuguesa ganha ainda mais espaço. Cresce a publicitação dos eventos coordenados pelos exilados e a publicação de textos de combate ao salazarismo, escritos ou não por portugueses. O *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, nomeia para ser o correspondente em Paris, encarregado de cobrir as atividades da Conferência da Paz, nada mais que o exilado José Domingues dos Santos, antigo Ministro da Justiça e o Chefe do Partido da Esquerda Democrática, posto na ilegalidade após 1926. Entre 1946 e 1954¹², o antigo líder da Esquerda Republicana é responsável por uma coluna intitulada “Crônicas de Paris”. Para a apresentação do novo articulista o jornal guarda um espaço na sua primeira página, sinal claro do apoio e da importância dada ao novo cronista.

Alguns nomes ganham destaque entre os jornalistas brasileiros mais empenhados no combate ao salazarismo: é o caso de Osório Borba, vinculado à Esquerda Democrática e ao Partido Socialista Brasileiro (ANJOS, 2017, p. 228). Entre os seus artigos são inúmeros os ataques ao regime de Salazar, como a crítica à publicitação nos jornais portugueses da adesão de

12 Fundado em 12 de junho de 1930, pelo jornalista Orlando Ribeiro Dantas, este periódico tem, entre os seus colaboradores, alguns dos mais ativos simpatizantes da oposição portuguesa, como é o caso do deputado Hermes de Lima e do Embaixador Álvaro Lins, diretor do seu Suplemento Literário entre 1961 e 1964.

militares brasileiros à Legião Portuguesa. No artigo “Por incrível que pareça”, a instituição é apresentada como “uma milícia fascista exatamente igual, na sua orientação, nas suas finalidades e na sua organização à milícia fascista de Mussolini, à milícia de Hitler e à Guarda de Ferro de Codreanu”

É de destacar também ao papel assumido pela Associação Brasileira de Imprensa que, a partir de então, torna-se num dos suportes do movimento antissalazarista no Brasil. Na sede são realizadas manifestações dos exilados, como que ocorreu a 20 de Junho de 1947. Nesta participam políticos brasileiros próximos do setor oposicionista republicano, como Hermes Lima, membro fundador da Sociedade Brasileira dos Amigos da Democracia Portuguesa, um grupo fundado por jornalistas e políticos simpatizantes da causa dos resistentes antissalazaristas; e jornalistas como Manuel Bandeira e o já citado Osório Borba. Nas palavras deste último, a ABI como instituição deveria “influir no esforço heroico” de “libertação do povo português”, levado a cabo pelos democratas no exílio.

3. Os anos 50/60: a liberdade política e o papel da imprensa no apoio aos exilados

Nas décadas seguintes, cresce o número de jornalistas, escritores e intelectuais brasileiros que travam relações com os portugueses no exílio, próximos que

são das suas ideias políticas e interesses culturais comuns. Entre os jornais apoiantes daqueles que já possuíam a tradição de ter opositores lusos nos seus quadros, temos outros jornais do Rio de Janeiro, como o *Última Hora* e *Luta Democrática*, que vão dedicar inúmeros espaços nas suas edições aos críticos do salazarismo, sejam eles portugueses ou brasileiros. Já o *Diário de Notícias* segue a tradição de combate ao salazarismo criada nos anos quarenta. A presença na redação de Osório Borba, um velho aliado dos republicanos exilados, e, a partir de 1955, de Paulo de Castro, confirma a combatividade do periódico ao governo de Salazar. O periódico publica também entrevistas e declarações dos opositores exilados e o seu noticiário acompanha os principais movimentos de contestação em Portugal e da oposição no Brasil, como a chegada de Humberto Delgado e a sua receção no Rio de Janeiro¹³.

O envolvimento do *Última Hora* com os opositores pode ser considerado por dois ângulos distintos: o da proximidade ideológica do seu fundador com as propostas dos exilados e a rixa estabelecida com os jornais *Tribuna da Imprensa*, do jornalista Carlos Lacerda, criado em 1949. O seu criador, um dos mais ferozes combatentes de Getúlio Vargas, é visto como um defensor do pensamento liberal, mas claramente um inimigo das esquerdas radicais, nomeadamente

13 A primeira página do *Diário de Notícias*, de 23 de Abril de 1959, é inteiramente dedicada à chegada de Delgado ao Rio de Janeiro e às reações dos opositores e populares.

do comunismo (DULLES, 2000, p.565). O posicionamento político de Lacerda é radicalizado na década de 50, colocando-o como combatente do Partido Trabalhista Brasileiro e levando-o a assumir uma posição antissalazarista à medida que as ações armadas contra o regime são “assimiladas” como “atos comunistas” (AZEVEDO, 1988, p.58). A disputa interna dos setores políticos brasileiros, alguns deles representados pelos periódicos “anti-lacerdistas”, como é o caso do *Última Hora*, favorece o envolvimento destes últimos com a oposição exilada.

Como oponente ao *Tribuna da Imprensa* na década de 50, o jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, é um dos grandes apoiantes da oposição antissalazarista desde a sua fundação, em 1951 (FIDELIS, 2017). Colaborava neste periódico Tomás Ribeiro Colaço que, apesar da sua postura pró-monárquica, dividia o espaço na publicação com comunistas e socialistas brasileiros. O seu próprio fundador havia sido obrigado a buscar o exílio no Estado Novo de Vargas, mas contraditoriamente a fundação do jornal vai coincidir com o retorno e o apoio da volta democrática de Getúlio Vargas ao poder.

Em 1958, durante a candidatura do General Humberto Delgado, antigo apoiante do regime, como candidato independente às eleições presidenciais, o *Última Hora* publica diversas reportagens sobre os comícios realizados em Portugal, acentuando sempre o carácter repressivo do regime diante das manifesta-

ções populares de apoio ao candidato *da oposição*¹⁴. As acusações contra o regime não se prendem somente ao aparelho repressor, mas também às tentativas do Estado de denegrir a imagem dos oposicionistas¹⁵. Com a ida do General para o Brasil, o jornal passa a dedicar um maior espaço à oposição e às suas atividades. Samuel Wainer em pessoa é o responsável pelo grande apoio e publicidade dada ao sequestro do avião da TAP, em 1960, aquando da chegada do grupo da Operação Vagô ao Brasil. E, já na década de sessenta, entre os dias 12 e 14 de Janeiro de 1963, o jornal denuncia a presença da repressão salazarista no Brasil, “o longo braço de Salazar” que impediu a concessão de passaportes aos opositores do regime como Casais Monteiro, Paulo de Castro, Tito de Moraes, Miguel Urbano Rodrigues, Vítor da Cunha Rego, Rui Luís Gomes e outros¹⁶.

Uma das inusitadas alianças da oposição exilada no Rio de Janeiro é caracterizada pelo apoio obtido pelo jornal *Luta Democrática*. Como o *Última Hora*, este jornal assume-se como antilacerdista¹⁷. O seu

14 Ver, entre outros, Lisboa: dissolvida a tiros manifestação oposicionista, *Última Hora*, p. 14, 17 de maio de 1958.

15 Em resposta à notícia do dia 17 de Maio, o jornal publicita no dia 20, uma outra notícia na qual culpabiliza o regime pelos distúrbios noticiados anteriormente. Lisboa: Governo provoca as desordens para suprimir campanha eleitoral, *Última Hora*, p. 4, 20 de maio de 1957.

16 *Última Hora*, 12 de janeiro de 1963, p. 4.

17 Ver, por exemplo, a afirmação de Tenório Cavalcanti no editorial da *Luta Democrática*, “Há um louco no volante”: “O Sr. Carlos Lacerda é um discípulo fervoroso de Salazar, o ditador português” (*Luta Democrática*, 14 de janeiro de 1961, p. 3).

diretor é uma das figuras mais polêmicas do cenário político da então capital federal. Tenório Cavalcanti, conhecido por usar uma capa preta e portar uma metralhadora, a “Lurdinha”, funda o periódico em 1954 (BELOCH, I., 1986; FORTES, M.C. C., 1986). O jornal publica diariamente a coluna “Escreve Tenório Cavalcanti”, na qual o deputado defendia sentidas reivindicações populares. No início da década de 60, após o rompimento de Tenório com o seu antigo companheiro na UDN e então governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, o jornal aproxima-se da oposição exilada. Textos de jornalistas brasileiros, como Paulo Motta Lima¹⁸, ou de supostos panfletos distribuídos em Portugal pelos opositores antissalazaristas¹⁹, assim como entrevistas de exilados estão presentes nas páginas do periódico²⁰. No entanto, o apoio de Tenório Cavalcanti aos opositores não estaria restrito somente aos artigos no seu jornal. Segundo Amândio Silva, um dos participantes do assalto ao avião da TAP, ele teria sido o responsável pela impressão de um panfleto de denúncia do regime de Salazar, distribuído no jogo amistoso Portugal-Brasil, em 9 de Maio de 1962.

18 Ver, entre outros, LIMA, Paulo Motta. O dever de solidariedade a Galvão. *Luta Democrática*, p. 5, 4 fev. de 1961. Paulo Motta Lima trabalhou em diversos jornais no Rio de Janeiro, nomeadamente no *Diário Carioca*, de Macedo Soares, periódico que apoia os exilados republicanos, assim como no *Última Hora*.

19 Ver, entre outros, RODRIGUES, J. O que o povo canta em Portugal: Ordem de Ataque. *Luta Democrática*, p. 4, 31 jan. de 1960.

20 Portugueses falam à Luta Democrática sobre o sensacional caso do Santa Maria. *Luta Democrática*, p. 5, 26 de janeiro de 1961.

Um outro periódico que merece destaque é o *Semanário*, do Rio de Janeiro, editado a partir de 1956 e que tem como seu diretor-secretário Joel Silveira, jornalista que participou no periódico *Libertação*, da oposição exilada luso-espanhola. Defensor de um *nacionalismo de esquerda*, o jornal conta com a participação de intelectuais brasileiros de renome como Nelson Werneck Sodré e Barbosa Lima Sobrinho. Os ataques ao regime de Salazar são constantes, acusando a imprensa que o defende de mentir ao apresentá-lo como “um grande estadista”²¹, sendo o responsável por uma mensagem ao Presidente Craveiro Lopes apelando para que ele promova a “liberdade para a imprensa portuguesa amordaçada”, para o “Capitão Henrique Galvão e demais presos políticos”²². Tal como o *Correio da Manhã* ou o *Diário Carioca* nos anos 40, o *Semanário* vai contar com colunas assinadas por exilados ou emigrados políticos como Fernando Queiroga e Maria Archer, apesar de grande parte dos textos também ser publicada no periódico *Portugal Democrático*²³. O primeiro publica uma série de artigos que vão desde a edição de 1957, quando publica um artigo sobre a aliança de Franco e Salazar, até à edição de 6 a 12 de agosto de 1960, quando termina

21 SILVEIRA, Joel. Carta ao Leitor. *Semanário*, p. 2, 20-27 de Setembro de 1956.

22 Mensagem ao Presidente Craveiro Lopes. *Semanário*, p. 1, 6-13 Junho de 1957.

23 Sobre o tema, ver, entre outros, LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira. (org.). *A Missão Portuguesa. Rotas Entrecruzadas*. São Paulo: UNESP/EDUSC, 2003.

a sua participação no periódico com um artigo sobre Angola²⁴. Já Maria Archer publica o seu primeiro texto na edição seguinte, prosseguindo nas publicações até 1963²⁵. Para além destes dois oposicionistas, há que assinalar a presença no jornal de opositores que concedem entrevistas sobre a realidade portuguesa, como Luís Carvalhal quando das eleições de 1958²⁶, e o então Padre Alípio de Freitas que, como cronista, aborda a questão do regime salazarista, mas sempre a partir de uma visão comparativa com a realidade brasileira²⁷.

O *Semanário* possui um papel semelhante aos dos periódicos *Diário Carioca* e *Diário de Notícias* nos anos 40. Com excepção da coluna de Paulo de Castro, ele é o único periódico que mantém a colaboração de dois cronistas portugueses que participam do movimento antissalazarista no Brasil. As temáticas, no entanto, diferem um pouco do usual em termos de combate ao salazarismo. Fora o impacto das eleições de

24 Ver: QUEIROGA, F. Angola: uma nova Argélia. *Semanário*, p. 4, 6 a 12 agosto de 1960. Este artigo foi enviado pelo autor de Genebra, Suíça.

25 Ver: ARCHER, M. Carta Aberta a sua Majestade Britânica Isabel II. *Semanário*, p. 6, 1 a 8 de agosto de 1957.

26 CARVALHAL, L. A Revolução Continua. *Semanário*, p. 10, 26 de junho a 3 de julho de 1958.

27 Ver, entre outros, FREITAS, A. Vitorino e Salazar. *Semanário*, p. 4, 1-8 março de 1961. Este artigo faz uma comparação entre Salazar e as figuras de Plínio Salgado (1895-1975), figura de relevo no integralismo brasileiro e então deputado federal pelo Partido de Representação Popular de São Paulo, e de Vitorino Freire (1908-1977), Senador pelo Partido Social Trabalhista representante do Estado do Maranhão, que se posicionaram contra qualquer ajuda ao grupo do Santa Maria.

1958, a contemporaneidade da questão colonial impõe um novo tipo de discurso. Tanto Queiroga como Maria Archer apresentam a denúncia do colonialismo na África como um dos principais argumentos para o combate ao salazarismo.

Fora da cidade do Rio de Janeiro, em São Paulo, onde grande parte da oposição passa a atuar no final dos anos cinquenta, há que assinalar o apoio dado aos oposicionistas pelo *O Estado de São Paulo*, fundado em 1875. Conhecido pela defesa dos ideais democráticos, o periódico esteve sob intervenção do governo entre 1940 e 1945. Após este período, a sua direção é devolvida ao seu antigo dono, Júlio de Mesquita Filho. Nos anos cinquenta, acolhe diversos membros da oposição portuguesa na sua redação, como Miguel Urbano Rodrigues e Henrique Galvão, a quem é instituído um salário e um cargo fictício para a garantia da sua subsistência.

Para além dos jornais, a oposição consegue espaço nas revistas de grande circulação (ANDRADE, A.M.R; CARDOSO, J.L.R., 2001). É o caso da revista *O Cruzeiro* que publica uma carta com um pedido de ajuda de Iva Delgado endereçada ao presidente Juscelino Kubitschek²⁸, ou ainda da revista *Manchete* que veicula uma reportagem fotográfica intitulada “Cinco Intelectuais formam a trincheira da resistência”, sobre a vida dos exilados Paulo de Castro, Ribeiro Colaço, Fernando

28 Ver: *O Cruzeiro*, 21 de fevereiro de 1959.

Queiroga, Adolfo Casais Monteiro e Garland de Sousa²⁹.

Por fim, cumpre destacar a revista *Anhemi*, que circula em São Paulo entre 1951 e 1962. Dirigido por Paulo Duarte³⁰, um elemento próximo dos exilados, o periódico vai chegar a ser proibido de circular em Portugal na sua fase final. O motivo primordial é a presença de artigos de emigrados e exilados políticos nos seus quadros de colaboradores: Manuel Rodrigues Lapa, Egas Moniz, e, em especial, Henrique Galvão, autor dos artigos mais contundentes contra o regime de Salazar, publicados entre 1953 e 1954. No entanto, a *Anhemi* contará também na década de sessenta com textos de Jorge de Sena e outros escritores de renome, emigrados políticos no Brasil³¹.

Para cada matéria publicada contra o regime, há uma resposta por parte da imprensa mais conservadora. A propaganda favorável ao governo de Salazar levada a cabo pela colónia portuguesa conservadora e por determinados setores da imprensa, como o grupo do *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, ou ainda, pelo jornal *O Globo*, de Roberto Marinho,

29 Recorte da revista em posse da família de Francisco Cachapuz (s.d.).

30 Paulo Duarte (1899-1984). Brasileiro, foi arqueólogo, escritor e jornalista do periódico *O Estado de São Paulo*. Próximo dos exilados portugueses, Paulo Duarte vai colaborar com o jornal *Portugal Democrático* e publicar artigos contra o regime de Salazar e, de igual forma, participar de atos públicos dos opositores antissalazaristas no Brasil

31 Ver, entre outros, SENA, J. "Quando Salazar Prende", *Anhemi*, São Paulo, outubro de 1960.

chega a contar com o “patrocínio” do Centro de Turismo, localizado no Rio de Janeiro (PAULO, 2019, p. 288). De fato, as benesses oferecidas por Lisboa aos jornalistas brasileiros para que publicassem matérias favoráveis ao regime são objetos de ataques por parte da imprensa democrática brasileira. Os articulistas vinculados aos exilados denunciam as propostas de subornos das representações portuguesas aos periodistas, como o faz Osório Borba. Já no *Última Hora*, Paulo Silveira, editor do jornal, é outro a denunciar as pressões exercidas pelas autoridades portuguesas sobre os órgãos de imprensa favoráveis aos exilados.³²

4. O caso do Santa Maria e do sequestro do avião da TAP: o impacto das imagens a favor dos exilados

No dia 22 de Janeiro de 1961, em águas venezuelanas, um comando armado, compostos por opositores aos regimes ditatoriais ibéricos, toma de assalto o paquete português Santa Maria (PAULO, 2011, p.53). A ação é empreendida em nome do DRIL, Directório Revolucionário Ibérico de Libertação, criado por exilados espanhóis e portugueses em território venezuelano. O primeiro sequestro político da história terminará em águas territoriais brasileiras com o re-

32 SILVEIRA, Paulo. Salazar troca sorrisos com a princesa e manda torturar os democratas, *Última Hora*, Rio de Janeiro, p. 4, 16 de junho de 1959.

conhecimento internacional do fato como um *ato político*.

A cobertura jornalística e o impacto mediático do episódio do Santa Maria abriu um espaço único para a oposição nos meios de comunicação de todo o mundo. O jornalista Gil Delamare, representante da Agência Delmas, responsável pela cobertura fotográfica da revista *Paris Match* vai ao encalço do paquete Santa Maria em águas territoriais brasileiras a bordo de um avião, pulando de para-quedas para as águas circundantes ao paquete, sendo então recolhido pela tripulação (SOUSA, 2000, p.152). O resultado é uma reportagem de capa na revista sobre *La fantastique aventure de Galvão et des pirates de la revolution*.³³

A aliança de diversos fatores explicita o porquê do espaço que lhe é dedicado nos periódicos e nos noticiários internacionais. Do ponto de vista político, o *Santa Maria* é favorecido pelo clima criado com a chegada de John Kennedy à Casa Branca e expectativas internacionais da Guerra Fria, para além de toda a movimentação em torno do reconhecimento internacional dos movimentos independentistas e o próprio cenário de democratização “à esquerda” apontado por Jânio Quadros aquando da sua vitória eleitoral no Brasil. Por outro lado, o avanço da fotorreportagem (BURKE; BRIGGS, 2004, p.217), a popularização das grandes revistas e das reportagens sensacionalistas, do noticiário televisivo e da possibilidade da trans-

33 *Paris Match*, 04/02/1961.

missão direta via rádio³⁴ incitam toda uma dinâmica de impacto mediático que transforma o evento do paquete *Santa Liberdade* num verdadeiro *espetáculo*, no qual entrevistas, fotografias e imagens diretas contribuem para a propaganda da oposição antissalazarista emigrada em todo o mundo.

A imprensa brasileira estará dividida em apoios ou *condenações*, segundo a linha ideológica das publicações. É o caso dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, no Brasil, elemento próximo ao salazarismo e que *proíbe* aos seus jornalistas qualquer menção favorável aos revoltosos nos jornais da sua rede³⁵ ou de jornais como *O Globo*, que condenam o *ato de pirataria*.

Por outro lado, o episódio ganha as chamadas em primeira página nos jornais favoráveis ao movimento antissalazarista no exílio. A figura de Henrique Galvão, militar e um dissidente do regime e comandante da Operação, ganha uma projeção pública semelhante à que Humberto Delgado tivera quando da sua chegada ao Brasil. O “Comandante” do Santa Maria ensinara no Recife, onde aportara, “como vencer um ditador”³⁶. Outros periódicos surgem em defesa

34 No Brasil, o episódio é acompanhado por todas as estações de rádio e tem cobertura televisiva. Ofício de 29 de Janeiro de 1961 do DEOPS. Arquivo do DEOPS. 50E-29-13. São Paulo.

35 Depoimento de Alberto Dinis sobre a sua demissão do *Diário da Noite*, depois de cobrir o caso do Santa Maria. Link: <http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/sobre_dines/memoria.htm>.

36 “Galvão ensina no Recife como vencer um ditador”, *Última Hora*, p. 8, 8 de fevereiro.

dos “sequestradores”, como o *Jornal do Brasil*, no qual as primeiras notícias falam da perseguição internacional ao pacote³⁷. Mais tarde, no mesmo periódico, Ferreira Gullar chamará o Santa Maria de “veículo da rebeldia” ao fazer frente aos poderes armados da Península, e apresenta Galvão surgindo do Oceano com um punhado de homens bravos, dispostos a tudo em nome de um Portugal novo”³⁸.

No dia 10 de Novembro do mesmo ano, um outro gesto acabará por ganhar as primeiras páginas dos jornais: a *Operação Vagô*, o primeiro sequestro aéreo, agora realizado somente por opositores portugueses. A ação consiste num sequestro de avião português em Casablanca e o seu desvio de rota, previsto para que houvesse uma distribuição de panfletos contra o regime de Salazar. O objetivo inicial era coordenar o sequestro com uma ação armada em território português que, no entanto, acaba por não ocorrer. No entanto, o avião sobrevoa Lisboa e lança libelos contra o regime, apelando ao boicote às eleições legislativas a serem realizadas no dia 25 do mesmo mês³⁹.

Após a ação, o grupo retorna a Marrocos, onde é preso ainda no Aeroporto de Tânger. Após alguns dias, são enviados para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 20 de Novembro. No jornal *Última Hora*,

37 “Três países estão caçando o Santa Maria”, *Jornal do Brasil*, p. 1, 25 de janeiro de 1961.

38 GULLAR, Ferreira. “Galvão” in: *Jornal do Brasil*, p. 3, 7 de fevereiro de 1961.

39 MORTÁGUA, C. *Andanças para a Liberdade, v. II, 1961-1974*, Lisboa, Esfera do Caos, 2013, p. 109.

de Samuel Wainer⁴⁰, opositor ao então Governador Carlos Lacerda, que ordenou o não desembarque do grupo, as notícias ocupam a primeira página: “Pelotão ‘Pátria ou Morte’ enfrenta a Polícia no Galeão”, título encimando pela imagem de Camilo Mortágua⁴¹, a resistir à tentativa de reembarque no avião que o trouxera para o Rio, juntamente com a notícia da denúncia de Lacerda como “Traidor dos Servidores da Guanabara”⁴². Apesar do aproveitamento político local, o noticiário consegue chamar a atenção da sociedade brasileira para a situação dos exilados.

5. Conclusão: laços políticos e política interna, a resistência antissalazarista e o jornalismo no Brasil.

A noção de um “campo comum” une resistentes antissalazaristas e o mundo jornalístico brasileiro, extrapolando a condição do exílio e transformando as similaridades ideológicas e culturais em “batalhas” a serem travadas para além dos locais de pertença e dos sentimentos nacionais (SAPIRO, 2013, p.70). Neste quadro é que se configuram a ligação entre os re-

40 Todos os jornais do Rio de Janeiro são avisados da presença do grupo da Operação Vagô pelo próprio Samuel Wainer, que viajara com eles no mesmo voo. Depoimento de Amândio Silva, Camilo Mortágua e Fernando Vasconcelos à autora. 30 de Março de 2010, Albufeira, Portugal.

41 Camilo Mortágua participou do Assalto ao Santa Maria e estava no sequestro na Operação Vagô.

42 *Última Hora*, 22 de Novembro de 1961, p. 1

publicanos exilados e os membros do Partido Socialista Brasileiro, a partir do final da Segunda Guerra, e entre os intelectuais exilados da década de cinquenta/sessenta com os escritores e jornalistas brasileiros, entre membros do Partido Comunista Português e comunistas brasileiros.

A continuidade da resistência no exílio é assim assegurada pelo jogo de espelhos nos quais ideologias similares, defendidas em diferentes pontos do planeta, conseguem conjugar-se em torno de um ideal comum, no caso o combate ao regime ditatorial português. Os exilados são chamados a colaborar nos periódicos não só pela formação intelectual que possuem, mas também pelo seu posicionamento político. É assim que no Brasil da década de quarenta eles frequentam os meios jornalísticos que estarão na vanguarda do movimento de contestação ao Estado Novo de Vargas e se tornam próximos de políticos que marcarão o retorno da democracia ao território brasileiro. Da mesma forma, tornam-se próximos aos elementos que estão na linha de frente dos direitos democráticos dos anos cinquenta até à implantação da ditadura militar. Os vínculos estabelecidos com o grupo revolucionário que desviou o Santa Maria e Jânio Quadros é o perfeito sinal de uma sintonia de valores, ainda que momentâneos (PAULO, H. 2011, p.63).

No entanto, esta trajetória de alianças não possui um caminho único. O exílio brasileiro reflete as cisões

internas da Oposição em território português, tal como as alianças com os setores brasileiros são frutos destas escolhas políticas. No entanto, alguns dos exilados ou emigrados políticos portugueses no Brasil ampliaram esse *compromisso* e tomaram para si a defesa da democracia brasileira após o golpe de 1964. É o caso de Alípio de Freitas, antigo missionário transmontano que escreve no periódico *Semanário* que se juntará à guerrilha do Araguaia. Assim como ocorrerá em Espanha, quando os exilados portugueses combatem pela República na Guerra Civil, o exílio não significa somente a sobrevivência numa terra estranha e a continuidade da luta contra um regime repressivo no país de origem: ele também pode implicar o combate contra qualquer tipo de ditadura, não importa onde ela se estabeleça.

Referências

- ANDRADE, A.M.R.; CARDOSO, J.L.R. Aconteceu, virou manchete. In: *Revista Brasileira de História*. USP, São Paulo, v.2, n.41, 2001.
- ANJOS, H. *Socialismo e Liberdade: Uma História do PSB (1945-1965)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- ARNAL. El asqueroso olor de la tortilla. Sumas y restas en la construcción identitaria del exiliado chileno en México. In: Cervelló, Josep Sánchez y Tapia, Alberto Reig (coords.), *Exilios en el mundo contemporáneo: vida y destino*. México: UAM, SIMO, URV, 2016, p. 286 -301.
- AZEVEDO, L. *Carlos Lacerda e o discurso de oposição na Tribuna da Imprensa (1953-1955)*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal Fluminense. Exemplar policopiado. Niterói, 1988.
- BELOCH, I. *Capa preta e lurdirinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- BORBA, Osório. Pela Libertação do Povo Português. *Libertação*, p. 6, 21 jun. de 1947.
- BORBA, Osório. Por Incrível que pareça. *Diário de Notícias*, 1 de fev. de 1948. Recorte do Arquivo de Moura Pinto.
- BORBA, Osório. Tinto Maduro. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 6, 26 jul. 1953.
- BURKE; BRIGGS. *Uma História Social da Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- COLAÇO, T. R. Oração a Nuno Álvares. *Correio da Manhã*, p. 2, Caderno Dominical, 4 jan. 1942.
- DULLES, J. *Carlos Lacerda - A Vida de um Lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FIDELIS, T. Sensacional, mas não sensacionalista: a criação do jornal Última Hora. 2016. Disponível em: <http://encontro2016.mg.anpuh.org/resources/anais/44/1468249944_ARQUIVO_TextoCompletoANPUH2016.pdf>. Acesso: em 12 jun. 2017.

- FORTES, M.C.C. *Tenório, o homem e o mito*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- LEAL, M. *A reinvenção da classe trabalhadora (1953-1964)*. Campinas: Unicamp, 2012.
- LEGISLAÇÃO ESPECIAL PARA OS PORTUGUESES. *Diário Carioca*, p. 3, 11 abr. de 1944.
- MATTOS, M. B. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MORAIS, Jaime. Conferência de Quebec. *Diário Carioca*, p. 19, 9 de nov. 1941, Segundo Caderno.
- MORAIS, Jaime. O drama do pensamento europeu. *Diário Carioca*, p. 19, 9 nov. de 1941, Segundo Caderno.
- PAULO, H. 1961: O Assalto do Santa Maria e o Desmorronar do Regime Salazarista em Portugal. *História Revista*, Goiânia, p. 53-80, 2011.
- SAPIRO, G. Le champ est-il national? La théorie de la différenciation sociale au prisme de l'histoire globale. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 200, p. 70-85. DOI 10.3917/arss.200.0070, 2013.
- SOUSA, J. P. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Florianópolis: Editora Grifos/Letras Contemporâneas, 2000.
- VV.AA. (2001). *Correio da Manhã – compromisso com a verdade*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2001.
- VV.AA. *Diário Carioca: O máximo de jornal no mínimo de espaço*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.